S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 18 julho de 1914 — ANNO XIII — N. 252

Publica-se aos sabbados

Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:

ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

NA LINHA MOGIANA

Caloroso apelo aos amigos da "Lanterna" residentes nessa zona

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha começa amanhã a percorrer a linha Mogiana, devendo visitar todas as localidades servidas por essa estrada.

Fazendo esta comunicação aos nossos amigos e assinantes residentes nessa zona, dirigimos-lhes um caloroso apelo para que facilitem a tarefa do nosso companheiro, contribuindo prontamente com a importancia de suas assinaturas ou deixando-as em suas residencias, caso não possam ser facilmente encontrados.

Devido ás precarias condições gerais, que, infelizmente, pesam de maneira mais directa sobre as obras de propaganda, encontramo-nos em serios embaraços para fazer face aos inadiaveis compromissos da Lanterna.

Os nossos amigos terão isso em conta e demonstrarão mais uma vez que amam a obra sustentada pela nossa folha.

O clero na Republica Brasileira

SEQUESTRAÇÃO DUMA JOVEM RELIGIOSA

O excelente diario sindicalista de Paris *La Bataille Syndicaliste*, no seu numero de 13 de junho, ocupa-se, sob aqueles titulos, do escandalo de Coritiba. Eis os termos em que o faz:

O Brasil é um paiz onde reina a maçonaria, mas onde é o clero que governa!

Este tem já no seu activo o estupro e assassinato duma menina de uns dez anos, a pequena Idalina, crime que causou uma violenta indignação no Estado de S. Paulo, povoado sobretudo por imigrantes italianos. Crime que ficou impune, embora os governantes proclamem a necessidade das punições legais... quando os malfeitores pertencem á vil multidão.

Eis agora novo caso. Uma jovem galiciana, Emilia Stefanska, fôra fanatizada a ponto de tomar o véu, contra a vontade dos pais magoados, e mandada para um convento da America do Norte, depois para outro do Brasil, em Coritiba. Ali, desenganada quanto á religião antinatural á qual loucamente consagrara a vida, apaixonou-se por um jovem pintor polaco, Jacob Kucheniski, que trabalhava na igreja vizinha do convento. Tinham ambos decidido casar-se e, em face da energica vontade de Emilia de renunciar á vida religiosa, o bispo, para evitar um escandalo, fingiu consentir.

Esta tolerancia, porêm, escondia um laço: enquanto Jacob Kucheniski se entregava aos preparativos do casamento, a infeliz freira, confiada a um certo Francz, capanga a soldo do clero, desaparecia misteriosamente, enviada para o convento do Bom Pastor, de S. Paulo. A superiora da casa recebia ordem de não a deixar sair sob pretexto algum.

O seu retiro foi no entanto descoberto, graças a algumas palavras imprudentes de Francz e aos passos do noivo. Mas a despeito do pedido de *habeas-corpus*, o magistrado notoriamente clerical a quem fôra confiado o caso, não convidou Emilia Stefanska a apresentar-se no tribunal: foi ele proprio ao Bom-Pastor para a interrogar em presença das mesmas religiosas incumbidas de a vigiar. Ali apresentaram lhe como sendo Emilia uma jovem que "espontaneamente" declarou já não querer casar-se, por ter recebido (por intermedio de quem?) más informações sobre a moral do pintor!

Esta impudente comedia de sequestro e de substituição eclesiastica, tão escandalosamente favorecida pelas autoridades duma republica maçonica e positivista, exasperou a população de Coritiba. Os livres-pensadores atacaram o convento das freiras e receberam a tiro de revolver a cavalaria que acudiu para os dispersar. E as coisas estavam neste ponto.

E' um exemplo entre cem da dominação clerical nessas pseudo-republicas da America do Sul, onde os trabalhadores teem que fornecer um contigente de carne humana para os presidios capitalistas, para os lupanares e para os conventos!

Da Porta da Europa

A GREVE GERAL ITALIANA

LISBOA, 27 DE JUNHO.

A custo e com demora se obteve o conhecimento um tanto pormenorizado do grandioso movimento revolucionário que se desenrolou na Itália de 7 a 13 do mês corrente.

Os factos não são por certo novidade para os leitores da *Lanterna*. Afim de exigir a libertação de Masetti, autor do atentado contra o coronel Stroppa — acto de revolta contra a criminosa guerra de Trípoli, a liberdade dos soldados Moroni e Fioramonti, punidos pelas suas ideias libertárias e pelo seu espírito de altiva independência, e ainda a supressão das odiosas companhias de disciplina, propusera a Câmara do Trabalho de Ancona a celebração de comícios públicos em tôda a Itália, no dia consagrada à Constituição — 7 de junho. Sabe-se o que sucedeu: interdição dos comíciss, realização de reuniões privadas, ataque selvático da polícia anconitana contra os últimos assistentes inermes duma assembleia já terminada: três mortos e vários feridos. E o proletariado italiano, que a si prometera levantar-se num protesto unânime e colérico ao primeiro morticínio executado pelos esbirros, levou desta vez a cabo uma imponente greve geral como outra se não viu ainda.

Para mais, as ciscunstâncias favoreciam uma explosão de protesto e de revolta. Após a guerra tripolina, dolorosa desilusão para o povo ingénuo e ludibriado, carregou-se a atmosfera. Os partidos avançados revigoraram-se extraordináriamente, — alguns renasceram, por assim dizer, — desfizeram-se de elementos conservadores e retrógrados, redobraram de actividade. As Marcas e a Romanha, especialmente, tinham uma forte preparação psicológica, eram ardentes focos de revolução: eis porque ali a greve geral assumiu logo uma feição insurreccional e expropriadora, isto é, o carácter de revolução social.

Houve numerosos actos e medidas, mais ou menos radicais, de expropriação. O pão, fruto bem-dito de penosas fadigas, foi retirado dos celeiros assambarcadores dos parasitas da seara e distribuidos aos produtores com mais largueza e eqùidade. A Revolução nutria os seus filhos e defensores, inaugurava se com um acto de justiça solene, tomava aos olhos do povo uma forma concreta. Já não era a pretensa revolução, que se limita a trocar governantes por outros governantes, parasitas por outros parasitas. E como a insurreição catalã, igualmente de origem antimilitarista, não se expandiu em furores jacobinos contra as pessoas: dirigiu-se sobretudo às coisas e às instituições.

Os próprios republicanos, cujo papel foi importante, mostraram um espírito muito mais largo que o dos nominalmente seus correligionários dos outros países, do que o dos nossos republicanotes portugueses, por exemplo. O caso compreende-se, tratando-se de elementos operários e jovens, não dos chefes corrompidos pela monarquia e pelo parlamentarismo, prontos a evitar a revolução ou a reduzi-la a uma simples mudança de monarca e de ministros, com as relativas adesões. O povo, mesmo sem saber latim, entende a expressão *res publica* de maneira diferente. Por isso não hesitou em colaborar com os anarquiastas, sindicalistas e socialistas, não receou a feição social que a revolução viesse a tomar. Pelo contrario: o povo republicano deu-lhe, êle mesmo, essa prega. E políticamente, não cuidou da substituição do govêrno central: «organizemos as nossas comunas!» tal foi a bela proclamação republicana! Era o apêlo à acção directa do povo, era a organização de baixo para cima, era o federalismo, era, contra o velho pensamento mazziniano, a reedição mais moderna da Comuna de Paris!

Porque não pôde a insurreição desenvolver se e triunfar? Dizem-no os revolucionários italianos. A *Confederazione Generale del Lavoro*, ou antes, o seu estado-maior, tódo reformismo legalitário e... conservador, ao ver entrarem no campo os ferro viários, mandou apressadamente retirar as suas tropas moderadas, receoso das responsabilidades e do agravamento da situação; e os dirigentes do partido socialista ratificaram logo a traiçoeira ordem. A retirada dos moderados levou a confusão e o desânimo à maioria; e as Marcas e a Romanha ficaram insuladas.

Mas houve outras causas de malôgro ainda mais importantes. A primeira foi não se haver ainda estendido a uma grande parte, pelô menos, da Itália a preparação psicológica da Romanha e das Marcas; a segunda foi a insuficiente preparação material.

Na próxima ocasião, porêm, os revolucionários italianos farão melhor em mais vasta escala.

O seu entusiasmo é enorme; a sua linguagem é a do triunfo. Sentem-se com fôrça: não esperavam tanto! O govêrno vai sem dúvida procurar reprimir; mas, como nota *Volontà*, o valente jornal de Ancona, acha-se numa posição trágica: se mostra debilidade, deixa o cam- [illegible] gue, trabalha pelas ideias revolucionárias.

Não há povos nem indivíduos salvadores: cessaram as missões messiânicas. Os povos e os indivíduos teem que se salvar a si próprios, solidáriamente embora. Há contudo a iniciativa, a propaganda, o incitamento fecundo do exemplo, a cooperação fraterna para a emancipação comum. Ora o povo italiano, ardente, audacioso e idealista, tem tôdas as condições para dar um grande exemplo ao mundo.

O' Roma cesárea e papalina! Tu, que fizeste do Mediterrâneo magnífico um lago teu e sonhaste o domínio completo do mundo conhecido; tu, que viste ao mesmo tempo a revolta de Espartaco e mandaras ao monte Aventino, para iludir cândidos grevistas, a rabulice sofística de Menénio Agripa, velho modêlo dos politicantes de hoje; tu, que de novo ideaste, com os papas, uma férrea catolicidade teocrática, e fantasiaste, no teologismo democrático de Mazzini, o impossível devaneio duma unidade universal imposta, ó Roma das utopias mundiais, — ó Itália proletária, ó Itália de Pisacane e de Cafiero, quererás agora, achando o bom caminho, convidar fraternalmente os povos a uma verdadeira revolução, feita enfim para todos os homens, a um novo *Risorgimento* e a uma unidade universal baseada na igualdade de facto e na cooperação voluntária?

Neno Vasco.

RECORDANDO A REVOLUÇÃO DE BARCELONA (JULHO DE 1909)



A familia da Escola Moderna, desterrada então e sem recursos para uma vila de fanaticos — Na primeira fila, da esquerda para a direita: Maria Foncuberta, a menina Alba Ferrer, ha pouco misteriosamente desaparecida; Soledad Villafranca, a dedicada companheira de lar e de luta do grande martir; Maria Lorenzo, Francisca Concha, e Flora Lorenzo. Na segunda fila: Mariano Batlliori, Alfredo Meseguer e Cristovan Litran. Por ultimo, na terceira fila: José Ferrer, que, ao que parece, os clericais lutam por conquistar; José Villafranca, Anselmo Lorenzo, o velho lutador, e Damasio Vicente, do Centro Republicano.

AOS ASSINANTES DO RIO

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, [illegible] *todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.*

O CELIBATO CLERICAL JULGADO POR UM PADRE

O padre João Manuel Gonçalves, tosquiador do sagrado rebanho de Ligores, Portugal, com grande, escandalo do santissimo beaterio, casou-se civilmente com a sra. Arminda Josefina Luiz numa aparatosa cerimonia, no fim da qual pronunciou um breve discurso que vai a seguir como um presente ao santo clero desta beatifica terra tão respeitador do celibato:

Começou por manifestar o seu profundo reconhecimento a todos que se dignaram assistir aquele acto "que bem longe de ser um acto de irreligiosidade é um acto moralissimo." Fez depois varias considerações sobre o que é a lei do celibato do padre. Entre outras coisas disse que a lei do celibato — "é uma ignominia, um atentado contra a dignidade humana, contra a propria natureza, contra a sagrada escritura, contra a praxe da igreja nos três primeiros seculos e sobre tudo uma lei ridicula — porque nunca conseguiu, não consegue nem conseguirá o seu fim, qual é o de viver o padre castamente". Todas as afirmações acima foram sucinta e proficientemente comprovados, com exemplos, calando fundo, ainda nos espiritos mais renitentes, a ultima prova, qual a de comparar o seu proceder, casando, com o do restante clero da diocese de Bragança que todos mais ou menos escandalosamente teem mulheres a despeito de todas as leis proibitivas da igreja, não se pejando de abandonar á miseria e muitos á senda do crime os filhos dessas ocultas nancebias. "A lei do celibato do padre, diz, é a causa remota da indiferença religiosa, sendo a causa proxima o estado de mancebia dos parocos." Por ultimo leu a III Epistola do Apostolo S. Paulo onde menciona as virtudes que deve ter um bispo e um diacono, entre as quais se destaca "a de ser esposo de uma só mulher".

BIBLIA VERMELHA

O verdadeiro Filosofo conhece todos os sistemas e não professa nenhum: Indagar *é a sua divisa;*

fora da Indagação já não ha Filosofia, senão Sistemas;

a Ideia que se cristaliza já não é Ideia, é o Prejuizo;

e, ¿pode haver alguma coisa mais prejudicial que o Prejuizo Filosofico?

desses detritos de todas as Ideias se formam as Religiões..

Vargas Vila.

DE PARIS

Mentalidades...

O *Matin* abriu um inquerito sobre: «o Ideal futuro da Republica». As respostas que lhe são dirigidas não denotam, entre os leitores do jornal que diz tudo, uma mentalidade transcendente.

Para o academico Paulo Boutroux, a França deve subordinar a sua vida interior á sua vida exterior, o que significa evidentemente livrar-se de ir muito para a esquerda, afim de não desmerecer de modo algum a consideração dos governos estrangeiros.

Desgraçadamente, a colectividade amalgamada governada por capitalistas sob a enganadora etiqueta de republica, a qual para o sr. Boutroux é uma nação homogenea — a França demais se conforma com essa subordinação! Vassala humilhada dos tsares açoitadores, enforcadores e pedinchões; emprestadora de subsidios ao assassino Yuan-Chi-Khai, estrangulador da revolução chinesa; nas horas vagas, superintendente dos prazeres venereos do Bourbon espanhol e do Bragança em disponibilidade, a França contemporanea não destoa no concerto da monarquiaria europeia.

Isso não impede o nosso academico de achar tudo muito bem: «nenhum futuro mais brilhante pode ser desejado á França do que manter o seu caracter proprio», ela sabe, aliás, que deve procurar a solução dos problemas interiores numa «jus- [illegible] cipios: liberdade, igualdade, fraternidade».

Monsieur Prudhome não diria melhor.

Se da parolagem academica passamos á do comum dos leitores, vemos que, com forma menos literaria, tiveram em geral o cuidado de mais precisão. Mas que caos! e, aqui e ali, que mentalidades!

Aqui está um coelhista que declara energicamente que o unico meio de salvação está: 1.º no aumento da população; 2.º ainda no aumento da população; 3.º sempre no aumento da população.

Meio de salvação para quem? Para os capitalistas — os quais, pelo que lhes toca, não são repovoadores, — ou para os trabalhadores já sobrecarregados de encargos?

O colaborador ocasional do sr. Bunau-Varilla esquece-se de no-lo dizer. Pormenor certamente sem importancia para ele! Quero crer que, prégando com o exemplo, deu a vida a

DESTINO FATAL

Acha-se na Secretaria da Justiça e da Segurança Publica um oficio, em que o vigario de Ituverava pede para lhe ser cedida a cadeia velha, que se acha nas proximidada matriz, afim de ser ali instalada uma escola paroquial dirigida por freiras.

(Do *Correio Paulistano*).

Velha cadeia, casarão sombrio,
Nasceste perseguida pelos fados:
O teu seio de morte já assistiu
A' agonia de muitos condenados.

Estavas com o teu ventre já vazio,
Limpo das podridões — os desgraçados —
Que a injustiça social, por desfastio,
Mandou que devorasses aos bocados!

Mas não terás jámais o teu repouso.
Has-de comprir a sina deshumana:
Não foste feita para o amor e o goso!

Fizeram-te os ladrões para a violencia,
Como uma ameaça á liberdade humana,
Para eterno carrasco da consciencia!

Beato da Silva.

uma numerosa prole, contrariamente aos nossos chefes de Estado, que recomendam, sim, a procriação á vil multidão, mas livram-se de a praticar pessoalmente.

Um individuo que não é um selvagem papua, pois os papuas são mais inteligentes, reclama imperiosamente «um Deus, um amo». Justamente o contrario do que Blanqui proclamava. E dizer que foi para elevar semelhantes especies á posição de humanidade que o grande pensador revolucionario passou trinta e cinco anos da sua vida nos calaboiços!

Um Deus! um amo! Isso lembra o belo grito de alma dos fanaticos da Espanha aclamando Fernando VII e a Inquisição: «Morra a liberdade! Vivam os grilhões!»

O individuo que reclama esse regresso á idade-média não é um descendente dos Montmorency: é empregado do comercio e chama-se democraticamente Raimundo como o presidente da Republica!

⁂

Outro, digno do pensador supracitado—*arcades ambo!*—reclama tambem esse regresso ao bom tempo antigo e precisa o que ele deve ser: substituir o regime electivo pelo da hereditariedade parlamentar, pelos delegados das corporações de oficio os parlamentares regionais, a tirania dos partidos (subentende-se «da esquerda») pelas liberdades de associações multiplas (subentende-se «religiosas e capitalistas»), os politicos imbecis, impotentes ou corrompidos, *pelo rei de França*—tirem o chapéu!

E' perfeito, pois é sabido que os reis de França—esses, sim!—não eram imbecis, nem impotentes, nem corruptos. Luiz Filipe só de ministros íntegros se rodeava, a começar por Teste e Cubières; e quanto a Luiz XV, Henrique III e Francisco I, sabe-se que eram a fina flor da virtude.

O homem convicto que escreveu essas fortes linhas chama-se Chivot e é ex-capitão diplomado de estado-maior. Viva [illegible]

⁂

Ao lado dessas divagações de bons franceses nascidos intelectualmente (se tal termo se pode empregar) antes da grande Revolução, manifestam-se aqui e ali alguns *desiderata* dos quais não é absolutamente banido o senso comum. A luta contra o alcoolismo, a cultura fisica, a proteção da infancia e da mulher, ocupam entre eles um lugar importante; alguns programas como o do sr. Albert (aproximação franco-alemã, descentralização administrativa, carta do trabalho e do capital, direitos politicos da mulher, refundição completa do código, etc.) denotam aspirações certamente progressistas e de ideias de conjunto.

Mas nenhum desses reformadores parece suspeitar o antagonismo formidavel, irreductivel, existente entre a classe que trabalha e produz e a classe capitalista parasitaria. Nenhum parece vislumbrar que o papel social do Estado com as suas engrenagens jerarquicas: ministerios, parlamento, funcionalismo administrativo, magistratura, policia, exercito, é manter essa divisão de classes, essa exploração chamada a «a ordem». Nenhum parece compreender quão ilusorio é contar com o Estado, republicano ou monarquico, para mudar um sistema de coisas ao qual está ligada a propria existencia desse Estado.

No fim de contas, não se pode sensatamente exigir que os leitores do *Matin* sejam revolucionarios, e já é mesmo bem bonito se entre eles se encontram alguns inteligentes!

Para coroamento, guardamos uma resposta do sr. Jorge Deherme. Segundo este, não ha ilusão possivel: a França caminha para a bancarrota, para a invasão, para a insurreição dos pobres contra os ricos, os quais (confissão preciosa) estão a fazer por isso e não o terão roubado—eles que roubaram tudo o mais! A França não quer voltar ás condições de ordem: morre do veneno da metafisica e da quimera revolucionaria.

O sr. Deherme é um ex-anarquista individualista—quero dizer, dos que desnaturam a ideia racional de individualismo, respeitavel e perfeitamente conciliavel com a de comunismo economico. Para ele e seus antigos colaboradores da *Autonomie individuele*, como para os bandidofilos de hoje, o individualismo era o direito á burla e a tudo que nos faça conta. Não ter escrupulos era o *nec plus ultra* do revolucionarismo consciente. Depois, o sr. Deherme casou rico: fez-se milioeario e burguez conservador, como morrem por vir a ser os Dehermes de hoje, admiradores de Bonnot e Garnier. E' sempre uma coisa divertida!

Paris, 10 de Junho de 1914.

Carlos Malato.

Má freguesia

Os seguros de vida dos reis são maus negocios para as companhias

Não vem fóra de proposito, agora que está na ordem do dia a execução do truculento ex-futuro rei da Austria, publicar esta curiosa nota sobre o valor da vida dos coroados:

— Qual é o valor da vida de um rei?

Não ha duvida que os reis reputam as suas existencias extremamente preciosas, e procuram segura-las pelas mais avultadas quantias, mas não ha duvida tambem de que as companhias de seguros não os consideram bons clientes, opinião a quem tem sido levadas por uma dura experiencia dos factos. Nunca o rei Alexandre da Servia, de tragica memoria, conseguiu realizar um seguro de vida. Todas as companhias de seguros, a que se dirigiu, quando se casou com Draga Maschin, os premios exigidos foram tão elevados que forçoso lhe foi renunciar ao seu intuito. Os acontecimentos deram razão ás companhias para o seu retraimento. O tzar todos os anos paga de premio, pelo seu seguro de vida, [illegible] desde a adolescencia. Mas, quando morrer, os seus herdeiros receberão 19 milhões de francos, o que é uma bonita continha. Mais modesto, o rei de Italia tem a vida segura em 12 milhões e meio de francos. O assassinato do rei Humberto, seu pai, foi um desastre para a companhia que lhe segurara a vida, e que teve de pagar 25 milhões de francos. O rei Eduardo VII foi tambem um cliente ruinoso. Por atenção com o soberano inglez, a companhia que ele "honrou" com a sua preferencia, não exagerou o premio. Dois anos depois, Eduardo VII morria, e essa companhia tinha de desembolsar 18 milhões de francos. Compreende-se bem que as companhias de seguros não se mostrem muito entusiasmadas com os clientes desta natureza.

E dia virá que não haverá quem dê um caracol pela vida dos soberanos... ou dos que ocuparem o seu lugar... E' questão do povo ganhar confiança na sua força.

Os Evangelhos

Sabem que os 4 evangelhos foram quasi milagrosamente escolhidos, no Concilio de Niceia, em 325, entre um montão de manuscritos que datavam dos tres primeiros seculos da era cristã?

Segundo o *Synodikon de Pappus*, os bispos só retiveram 40 evangelhos; mas, não podendo pôr-se de acôrdo sobre as verdadeiras *boas novas*, decidiram deixar ao Céu o cuidado de apartar os escritos apócrifos, de origem humana.

Colocaram-se os manuscritos debaixo do altar, pedindo-se a Deus que fizesse «saltar para cima do altar» os que reconhesse como seus.

O pulo deu-se de noite...

E aí está como, graças a um fenomeno de levitação nocturna, de que falam pouquissimo os padres catolicos ou protestantes, o Concilio de Niceia estabeleceu a autenticidade e a divindade dos 4 evangelhos. E' caso para dizer como Santo Agostinho: *Credo quia absurdum.*

A URUCUBACA CLERICAL

Dentre as muitas qualidades más que o clero possue, uma ha que merece por certo um capitulo especial e um estudo bem detalhado, tal é a sua importancia e o seu interesse.

Referimo-nos á urubucara (*) ou ao azar que prece emanar do clero, como se este fosse um distribuidor ambulante de tão preciosos artigos.

E' crença muito conhecida e muito popular, crença esta que por ser popular não deixa de ter algum fundamento, que os padres transmitem ás pessoas que teem a desdita de os encontrar, um caiporismo impertinente, uma urucubaca teimosa, que persegue por longo tempo e da maneira a mais cruel o individuo contaminado.

Nessa distribuição cronica de caiporismo são os padres de uma prodigalidade verdadeiramente assustadora, mimoseando com a sua terrivel jetatura até os proprios companheiros da clericaualha. Não é raro ver-se uma pessoa, na maior parte das vezes cristã, dizer a seus amigos qus está caipora em todos os seus negocios por ter encontrado um padre.

As pessoas supersticiosas são capazes de jurar, que conforme a graduação clerical assim será tambem a urucubaca, por esse principio se vê logo que um bispo é muito mais azarento do que um réles vigario, e o papa mais que eles todos; supomos não haver comtudo regra alguma que governe nesse ponto tal proporcionalidade entre o posto religioso e o azar, pois ha quem garanta existir frades que em materia de urucubaca valem mais que dez conventos.

Para combater a malefica e temida propriedade dos reverendos é costume uzarem-se figuinhas, corcudinhas, rezas especiais e adequados, sinais cabalisticos e uma serie de outros contra caiporismos, dentre os quais parece estar incluida, como infalivel, a assinatura da *Lanterna*.

Deixemos, porém, aos supersticiosos a verificação do efeito desse ultimo isolante.

O certo é que a fama terrivel de azarento acompanha por toda a parte ao padre, afugentando dele os fracos e supersticiosos e fazendo tremer os credulos que se arreceiam de alguma praga.

Ainda ha bem pouco tempo, em um juri em Paris, um advogado afirmou categoricamente que o autor da morte da vitima não tinha sido o réo que julgavam, mas sim um padre que passára na ocasião do delito, e que déra má sorte aos contendores, fazendo com que um morresse e com que o outro fosse preso injustamente!

Essa fama terreivel não deixa de ter, como disse, bastante fundamento e o clero é bem merecedora dela pelo muito que nos tem feito.

Quando os padres querem impingir aos crentes as suas formidaveis babuzeiras religiosas, uzam de uma linguagem toda cheia de inferno, satanaz, castigo eterno, purgatorio, tacho quente, etc., com a qual pretendem amedrontar as vimas.

Essa sua linguagem habitual, repleta de suplicios imaginarios, sugeriu ao espirito dos fracos a impressão de que eles, padres, são com efeito mensageiros de um certo fluido maligno que trnsmite a desgraça e a infelicidade a todas as pessoas.

Além disso, nas classes populares é tambem comum julgar que as pessoas nossas inimigas, pelo muito mal que nos querem, transmitem-nos um certo caiporismo que a superstição nos obriga a não deixar passar despercebido; e como os padres honrados com a inimizade do publico, este vê neles os agentes implacaveis da deuza do Azar.

Junte-se tudo isso ao aspecto horripilante e nauseabunda de um roupeta e teremos então a figura horrorosamente temida, como a encarnação do caiporismo e da urucubaca que todos nós devemos sempre evitar.

O numero 13, uma vassoura de cabeça para baixo, facas cruzadas, sal na mesa, uma criança com as mãos na cabeça e os outros muitos encaiporamentos que os supersticiosos evitam, nem de longe se comparam com o simbolo do azar supremo: O PADRE.

A superstição sendo uma fraqueza da parte de muitos individuos, produz ás vezes efeitos benignos... Está nesse caso a superstição a que nos referimos e que induz aos supersticiosos evitar os clericais.

Ha muita gente que trata de exterminar o elemento mau da sociedade, mas no entanto, para a obra de profilaxia ser completa é preciso, não só evitar o mal, como tambem eliminar e combater a sua origem, não poupando esforços nessa obra grandiosa.

O clero, como já tivemos ocasião de dizer, é uma praga que a ignorancia dos antigos rogou á sociedade moderna, e de tal modo nos infelicita que seria grande alivio ver-nos completamente livres dele. E para dele nos descartarmos ha necessidade de elemina-lo de qualquer modo suprimindo-lhe o seu esteio principal: A RELIGIÃO.

Abolida esta dos habitos publicos nada mais resta ao clero do que a morte, e com o seu desaparecimento ficariamos então livres de suas obras maleficas, de seus crimes, de suas perseguições e, principalmente... de sua urucubaca.

Rio, Julho de 1914.

Felix Auzemar.

NOTA: «Urucubaca» é um brazileirismo muito usado (termo nortista) E' sinonimo de azar, caiporismo, etc.

O bom tempo antigo

Em 1540, estava Genebra sob o poder de Calvino. Nesse ano, Bolsec, Gribaldo, Thivent Bellot, Roberto Torneiro, foram banidos como herejes. A Antonio Norberto foi a lingua furada com um ferro em brasa, por ter proferido, em estado de embriaguez, algumas injurias contra Calvino e os ministros; Luiz Billenet foi marcado na fronte por um ferro quente; Maten Antonio foi proscrito por ter dito que não deviam ser queimados os herejes. Gruet foi condenado á morte por blasfemia, Monnet por profanações biblicas, Antonio d'Argillieres, por ter, oito anos antes, em França, tomado no pulpito o partido de Servet.

A' gente do povo era vedado o uso da seda e do veludo. Fixava-se tambem a forma do vestuario. Os homens não podiam trazer cabelos compridos, nem as mulheres frisar os seus. Os banquetes nupciais não deviam exceder certo numero de pratos. O poeta Clemente Marot teve que deixar precipitadamente a cidade para escapar aos castigos, por ter jogado as cartas com um amigo. E Miguel Servet foi queimado em 1553 por haver negado a Trindade.

⁂

A historia do catolicismo é tambem, como se sabe, riquissima nesses exemplos de bondade e brandura—quando os padres estão de cima...

Num livro recentemente reeditado, *Mémoires d'un compagnon*, Agricol Perdiguier fala-nos do seu tempo e dos factos de intolerancia que ele observou. Em 1815, homens pagos pelos padres faziam de almas do outro pelas ruas, de noite, vestidos de branco, de preto ou de encarnado, arrastando correntes, agitando campainhas e guizos, batendo ás portas, falando em nome de certas almas, pedindo rezas, missas, a restituição dos bens que haviam pertencido aos nobres e ao clero. Os aldeãos tremiam.

De vez em quando, na predica dominical, o paroco excitava os fanaticos contra os republicanos, e á saida da missa formavam-se bandos que iam saquear, incendiar, matar, com a protecção das autoridades—como na Russia os pógromes. Os insubmissos chegavam a ser encerrados na propria casa do cura, e ás vezes sumiam-se!

As proprias crianças eram consideradas culpadas dos "crimes" dos pais. Perdiguier narra de maneira comovente as brutalidades de que ele foi vitima, aos dez anos, por ser filho dum republicano que servira a Revolução.

Os clericais e os fanaticos de todas as religiões farão sempre o mesmo, desde que tenham força para tanto.

A "Lanterna" em Queluz

Um padre atrevido

Da cidade de Queluz de S. Paulo recebemos a seguinte carta:

Apertada entre duas montanhas, escondida como que ciosa da riqueza de seu panorama, ergue-se ao Norte do nosso Estado a cidade de Queluz. O povo desta terra, generoso e bom, é actualmente sacudido de sua calma pelos descalabros praticados por um individuo sujo que para aqui arribou e que parece pretender transformar este lugar em uma sua fazenda. E' o padre Paulo Machado. Expulso de Portugal, afugentado daqui e dali, achou afinal hospedagem gentil nesta bela cidade. Como ele retribue o acolhimento que teve, mostram os actos que ele aqui pratica e que constituem factos repugnantes.

E é sobre esses factos, sr. redactor, que eu quero falar, pedindo para a narração deles um pequeno espaço no vosso brilhante jornal.

Ha dias, terminada a farça que diariamente ele representa na igreja, tirada aquela vestimenta de palhaço com que se caracteriza, lá vinha ele a passear pela plateia quasi vazia, quando um repentino ataque de hidrofobia o atacou.

Ali perto, ajoelhada, sincera na sua crença, uma senhorita de distinta familia da localidade preparava-se para deixar o suntuoso Pagode. Chama uma sua irmãzinha para sairem e isso foi o bastante para que o estupido tipo desfechasse uma bateria completa de insultos contra a distinta queluzense, ordenando-lhe que saisse, talvez porque ela não aceitava os bilhetinhos com que, dizem, ele costuma presentear algumas de suas "ovelhas".

Estivesse ali algum rapaz brioso e a fuça desavergonhada do satanaz de roupeta voaria em pedaços.

A altiva donzela soube porêm reagir contra o nojento enxugador de galhetas, dizendo-lhe que sairia se quizesse, porquanto era filha do lugar, com um nome puro e considerado, e que não a atingiam as injurias de qualquer um escorraçado.

Belo o procedimento da digna senhorita! Sirva ele de exemplo contra o "avacalhamento" que se vai infiltrando por quasi todas as camadas sociais de Queluz!

Muitas outras coisas, sr. redactor, eu poderia acrescentar, mas reservo-me para outra ocasião.

Sabe-tudo.

Entre vizinhas

— Sabe, D. Sebastiana? Amanhã, ao meio dia, é o enterro da velhinha nossa vizinha.

— Então não lhe serviram de nada as benzeduras e os santos oleos?

— Isso sim! E sabe que ela se confessou antes de morrer? Foi a filha mais velha, aquela comerciante rica, que trouxe consigo o padre. Dizem que vai mandar pôr veludo preto á porta e que haverá missa solene.

— Tudo para se mostrar.

— Com certeza. E o mais engraçado é que, enquanto a mãe foi viva, a ricaçá dava-lhe a muito custo 10$ por mez. Se não fossem os outros filhos, todos trabalhadores, a pobre velha já teria morrido de fome.

— E' uma infamia!... E os outros filhos aguentaram isso? Se fosse eu, agarrava em minha irmã por um braço e punha-a no meio da rua num instante. Não sei como ha filhos que se atrevem a humilhar um pai ou uma mãe, metendo-lhe em casa um padre nos ultimos momentos.

— Sim, tambem acho isso uma ofensa.

— E' mais do que um insulto: é um ultraje ao autor dos nossos dias. Como! A gente vai então pedir que o absolvam? E porque? Então ele cometeu crimes? Isso quer dizer que a gente duvida da sua honradez, o julga culpado duma porcaria qualquer. Então esse pai que nós veneramos, que seguimos passo a passo na vida com deferencia e respeito, havemos de o rebaixar no conceito dos que o cercam, fazendo supor que a sua consciencia está carregada e que ele precisa de perdão?... Isso é um crime, é uma afronta feita a quem tanto nos amou...

— Tem razão, D. Sebastiana. E depois eu, na confissão, não tenho fé. Aquilo é historia.

— E então as rezas?... Que absurdo! Nós somos dez mil milhões de habitantes que cobrimos o globo terrestre, tendo cada um as suas ideias, cada qual mais bizarra, e todos estes mosquitinhos que zumbem e enxameiam ao sol teem a pretenção de julgar que o seu Deus se curva para escutar todas as inepcias que eles imploram da sua divindade! Que monstruosa tolice! Olhe, D. Benedita, escute o que disse o grande Salomão, que a Biblia diz ser o sabio dos sabios. Gostei tanto disto, achei-o tão reconfortante, que o aprendi de cor. Escute: "Apliquei o meu coração a rebuscar tudo quanto sob os céus se fazia, afim de distinguir a sabedoria da loucura. Pensei que Deus esclareceria os homens e o acidente. Tal é a morte de um, tal é a morte do outro. Tudo foi feito da terra e tudo á terra torna. Quem é que sabe que o sôpro dos homens sobe e o sôpro dos brutos desce? Reconheci, pois, que nada ha melhor para o homem do que gozar o fruto do seu trabalho, antes que o corpo regresse ao pó, pois é essa a sua ração. Certamente, os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos nada mais sabem". Como vê, D. Benedita, o grande Salomão, muito positivista, não nos fala do inferno, nem da dupla existencia da alma. Está firmemente convencido de que tudo se extingue, e dá-nos como recompensa duma vida custosa, que nós não desejamos, o repouso eterno no nada.

— E tinha toda a razão, o bom do homem: não mais pensar, não mais sofrer, não mais sentir.

— Sim, o olvido completo de todas as magoas da existencia, o aniquilamento do ser no pó, ultimo refugio do naufrago humano, não é uma consolação?

— Assim me parece. Pois declaro-me salomonista: tambem acho que tudo se extingue e que a mais bela de todas as religiões é a da humanidade. E estou certa de que, antes de morrer, meus filhos não me farão a afronta de me trazer um confessor, pois bem sabem que tenho a consciencia tranquila.

— O homem integro, cujo espirito elevado só teve durante a vida largas aspirações, o que tratou da sua consciencia—não como o devoto com medo ao castigo, tremendo á ideia de receber uma sova mestra ao chegar ao purgatorio,—mas impelido pela nobreza do coração, pelo sentimento do dever, para ter o prazer de poder dizer a si mesmo: "Estimo-me; de nada tenho que me acusar",—esse não necessita de absolvição... Viveu do seu trabalho, sem explorar ninguem; amou os seus, ajudou os seus semelhantes, semeou pelo caminho todo o bem que pôde, lutou contra o despotismo alargando o pensamento dos seus irmãos, exaltando com ardor o bom, o belo e o verdadeiro. Esse nada tem que recear; pagou a sua divida á sociedade, e quando soou a hora do grande repouso, vai suavemente para a sepultura. Sem rumor, sem cruz, sem condecoração, parte como um puro, levando na fronte o reflexo da sua vida e a majestade da sua alma. Esse homem é um justo cuja dignidade seria ofendida pelas preces e orações funebres. Não tendo jámais sujado a alma, não precisa de que lha lavem.

— Sou da sua opinião, D. Sebastiana.

Amel Renaud.

Secção amena

Um espanhol ia sendo vitima de um desastre, quando em um lago esteve prestes a afogar-se, livrando-o o facto de ter-se agarrado a uns ramos que se encontrou:

— Gracias a Dios, hombre! exclamou um amigo, vendo-o livre do perigo.

— Gracias a Dios, non! disse o primeiro, gracias a la ramata, pois la intencion de Dios era m'afogar!

♣

E' o enterro dum ricaço. Dentro da Igreja, entre grandes pompas, rezam e cantarolam inumeros padres. O oficio parece não ter fim. Um dos convidados, um pobre que ali vai por dever, impacienta-se e pergunta ao vizinho:

— Para que é tudo isto?

— Para o mandar para o céu.

— Mas assim, com tanta força, arriscam-se a faze-lo cair do outro lado...

DE BELO HORIZONTE

O clericalismo em actividade

Protegido escandalosamente pelos poderes publicos do Estado, o clero avança desassombradamente sobre o infeliz povo mineiro que, falto, talvez, de experiencia, se deixa mansa e cristãmente explorar, de todas as maneiras, por essa horda negra que tudo está devorando, manhosa e traiçoeiramente, valendo-se do indeferentismo geral e da fraqueza de espirito daqueles que teem a leviandade ou a desfaçatez de se dizerem nossos representantes, como, por exemplo, o futuro presidente de Minas, que teve nesta capital 88 votos contra 1, provando isso terem concorrido ás urnas 89 votantes numa capital que conta tantos milhares de habitantes!

Aqui se constroem conventos, orfanatos, igrejas, cinemas religiosos, palacios, muitos palacios para os representantes de Deus; aqui se realizam conferencias religiosas no Teatro Municipal, feitas por um padre, cuja batina negra dá um triste aspecto ao palco e concorre para a desmoralização do teatro; aqui se organizam espectaculos em beneficio das obras pias, nas quais se representam o nascimento de um ente a quem deram o nome de Cristo.

Na tal historia da mãe que concebeu conservando-se virgem antes e depois do parto, não acreditam, por certo, os leitores. Pois essa comedia foi representada no Teatro Municipal, tendo sido convenientemente anunciado o espectaculo e ensaiado pelos batinas e seus muitos dedicados carolas desta carolisissima capital.

Não sei ao certo qual foi a graciosa senhorita que fez o papel da virgem, sei, porêm, que se saiu perfeitamente bem, pois nem sequer soltou um gemido, demonstrando não ter sentido as dores do parto, facto naturalmente sucedido á outra, pois que sendo sempre virgem não podia sentir dores..

Quanto á concorrencia, esteve regular, vendo se alguns camarotes ocupados por "distintissimas" criaturas. Cadeiras a 4 lonas, balcões a 30 dinheiros da nossa moeda, gerais a uma prata ou 15 dinheiros...

Em resumo, foi uma boa colheita e já estão projectadas outras.

Aquilino Cendom.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social ♠ ♠ ♠ ♠ ♠

França

Propaganda clerical

Lemos em *La Bataille Syndicaliste*: «No bairro de Plaisance, os padres mexem-se muito particularmente, procurando atrair a classe operária aos seus patronatos e ás suas escolas denominadas *livres*, provavelmente porque nelas se ensina uma moral de escravos.

Bem no meio da rua Vercingétorix, uma igreja de N.ª S.ª do Trabalho está transformada em foco de propaganda monarquica ou cesariana. Passando por cima das contendas que dividem fieis do rei e partidarios de Bonaparte, esses senhores fazem circular mais ou menos abertamente todos os escritos que exprimem a necessidade de «estrangular a maltrapilha» e de voltar á instauração dum poder forte. Assim como mandavam afixar no mez passado o manifesto de *L'Action Française*: *Abaixo a Republica*!, afixam perto do portico, ao lado de bugigangas, rosarios e estatuetas para vender, os jornais de combate com a prosa do major Driant e de Judet. Nas vizinhanças, moços criados no regaço da Igreja distribuem impressos contra o ensino laico.

Que os burguezinhos se mostrem cheios de ternura por esses pios educadores é natural. Mas o lamentavel é que pais proletarios, levados pelo engôdo dum soccorro material, mandem os filhos apodrecer nessas oficinas de envenenamento moral. Cuidado!»

No antro policial

Luiz Joubert, redactor do *Rappel*, escreve o seguinte:

«Em todas as administrações da Republica francesa, ha um foco de reacção, mas na prefeitura de policia é um vulcão reaccionario que mina, não só esta administração, mas a propria Republica. Esse foco é subterraneamente atiçado por todos os discipulos de Loyola».

Ainda se isso fosse somente em França!...

Cumprindo o Evangelho

Apesar dos seus cinquenta anos, o reverendo Boular-Almire, cura de Champéon (Mayenne), é um pandego de primeira.

O safado gostava imenso de fruta verde, e foi isso que o perdeu, sujeitando-o a uma indigestão de... cadeia. Verdade seja que os rigores da justiça não são para os padres...

O bom do cura foi preso por atentados ao pudor contra varias meninas com a idade de onze, doze e treze anos.

Não dizia Jesus: «Deixai vir a mim as criancinhas!»?

Pois o reverendo punha em pratica o Evangelho.

Japão

Algoz delicado

A liberdade de imprensa no Japão ainda é mais raquitica do que nos outros paizes... Assim o ministro do interior tem o direito (e se não o tivesse, toma-lo-ia) de suspender todo e qualquer jornal mal-pensante. Mas, em compensação, é tudo feito com tanta cortesia que o jornalista... quasi agradece a *gentileza*. Eis uma fórmula muito empregada:

«Dignai-vos, honoravel, cessar a honoravel publicação do vosso augusto jornal. Honoravel director, honoravel redactor, honoravel impressor, dignai-vos honoravelmente entrar para a augusta prisão.»

Assim, até dá gosto ser enforcado...

Naturalmente, os ladrões e assassinos devem empregar uma linguagem semelhante: «Dignai-vos dar-me a vossa augusta bolsa. Dignai-vos receber, honoravel, esta augusta bala nos vossos augustos miolos.»



ESPERTEZAS DE UM PADRE

Do *Diario da Tarde*, de Coritiba, Paraná, cortamos este interessante artiguete:

Contaram-nos que um padre, residente em Porto União da Vitoria, acaba de ser preso no acampamento das forças legais que operam para exterminar os fanaticos, porque esse «santo padre» procurava ganhar dinheiro explorando as pobres praças do exercito que nos sertões se batem contra o fanatismo.

O padre estabeleceu as suas negociações da seguinte forma: no acampamento das forças legais falava com as praças, das quais exigia dinheiro prometendo-lhes falar com o general comandante em chefe das forças para que, aquela autoridade não desse ordem para que os soldados fossem combater no mato, onde seriam sacrificados pelo grupo fanatizado; os soldados se convenceram do que o padre lhes prometia, porque, de facto, viam o escovado espertalhão conversar amistosamente com o chefe das forças...

O celebre padre não contente com as quantias que extorquia das praças, tambem dirigia-se para o reducto dos fanaticos, onde tambem exigia dinheiro para obter que o general não os mandasse atacar.

Entabolando assim estas negociações proprias de padre, o perverso sacerdote já havia conseguido a boa soma de quinhentos mil réis, que naquelas alturas já é dinheiro suficiente para fazer face á crise.

Mas pelo que com certeza o estradeiro padre não esperava, é pela surpresa que lhe preparou o comandante das forças.

Um belo dia, quando o sacerdote chegava ao acampamento, e quando começava a empregar toda sua palavra de ardente hipocrisia, o comandante das forças que havia descoberto as velhacadas do reverendo ordenou a sua prisão imediata, para que as praças sob seu comando, se vissem livres de semelhante cogumelo.

Eis aí como o refinado explorador ficou de hora para outra tolhido na negociata que tão bons cobres estava dando para sua bolsa!

A. Figueira.

QUADRO RUSTICO

Eram horas da missa; o povo crente e bom
Esperava no adro oapadre capelão.
A hora aproximou-se e numa ondulação
O metalico dobre ouviu-se na quebrada.
Chegava o reverendo, a barba escanhoada
Dava-lhe aquele tic dum D. Juan de cr'oa
Que bebe muito vinho e come muita broa.
Numa profunda fé que vem do coração
O povo, com respeito, implorou-lhe a benção.
As lindas raparigas,
Loiras como as espigas
E meigas como a luz
Que doira no calvario
A face de Jesus,
Entraram de rosario
Naquele santuario.
O bom do padre cura
Ao ver aquelas rosas,
Tão lindas e viçosas
Num 'spasmo sensual,
Passou sobre o missal
A sua mão carnosa e disse enfurecido:
— Bendito sejas tu, ó fruto proibido,
Maldito sejas tu, infame celibato
Que me fazes viver em um concubinato.
Quem me dera beijar esse pomo vedado
Que perdeu pai Adão, e... traz-me acorrentado
De ha muito ao sofrimento.
E o olhar tão seductor daquela é o meu tormento!
E apontou, sem saber, p'ra mulher do sacrista
Que lhe deu mais na vista.
E o pobre, indignado,
Levanta-se, e depois de ter amaciado
Diz para o padre cura: E não será pecado
Faltar á fé jurada á santa madre Igreja?
Não creio que assim seja.
Roma tudo perdôa
Aos ministros de Cristo, apostolos de cr'oa.
. . . .
Sorveu uma pitada, e com vós de sereia
Disse ao pobre sacrista: aquela dulcinéa
Faz-me esquecer a Deus. Minha alma enamorada
Ajoelha a seus pés. Fugira a madrugada
Que a tudo perfumava...
Longe um cuco cantava.

Albino Bastos.

ACÇÃO LIBERTARIA

Pro-C. A. I. — Conforme anunciámos, realizou-se no domingo passado á noite uma nova reunião do elemento anarquista de S. Paulo, convocada com o fim de serem tomadas as ultimas deliberações sobre a adesão dos libertarios do Brasil ao Congresso Anarquista Internacional, que iniciará os seus trabalhos em Londres nos ultimos dias de ogosto.

Por um membro do C. de R. foi comunicado á assembleia já terem sido recebidos os relatorios sobre a acção libertaria nas nas cidades seguintes: Ribeirão Preto, S. Paulo; Belém, Pará; Jaguarão, R. G. do Sul, e Pelotas, no mesmo Estado. Foram lidas cartas de Belo Horizonte, Minas; Porto Alegre, R. G. do Sul, e Manaus, Amazonas, participando ao C. de R. o resultado de reuniões realizadas e a preparação dos respectivos relatorios. Teve-se tambem comunicação de que em Santos está sendo compilado o relatorio daquela cidade.

Foi lida a seguir uma carta do Comité do Rio, dando conta do resultado da ultima assembleia realizada naquela capital, que resolveu aceitar a indicação do companheiro aqui escolhido para ir ao Congresso, lembrando, entretanto, um outro e deixando a escolha ao criterio do elemento de S. Paulo.

Sobre esse assunto falaram varios dos presentes, ficando por fim resolvido, com o apoio geral da assembleia, confirmar a nomeação do camarada ja indicado, que deverá, de volta do Congresso, compilar um minuncioso relatorio sobre os trabalhos do mesmo para ser distribuido por todo o elemento do Brasil, pondo, assim, todos os grupos e individuos em condições de estudarem, discutirem e propagarem as ideias lá sustentadas, os meios de luta lembrados e as iniciativas propostas.

Depois de resolvidos ainda mais alguns assuntos referentes ao Congresso, foi retomada a discussão sobre a acção dos anarquistas no sindicato em face da sua neutralidade em questões de principios politico-partidarios e filosoficos, falando diversos companheiros, opinando todos pela necessidade da propaganda activa e constante dos libertarios no seio da organização proletaria para arrastar os trabalhadores á luta franca em favor da sua emancipação, sem que, entretanto, se deva pretender emprestar-lhe uma finalidade que ainda não é conscientemente aceita senão por uma minoria dos seus componentes.

⁂

Comicio de propaganda — Teve bom exito o comicio de propaganda promovido pelo Grupo D. Libertario.

Por não ter sido bem escolhido o lugar para a reunião, a concorrencia a ele foi diminuta, razão por que os seus promotores resolveram realiza-lo em outro ponto melhor.

O novo lugar escolhido foi a rua Caetano Pinto. Improvisada a tribuna em uma cadeira, a ela subiram e falaram os companheiros Antonio Nalepinski, Virgilio Fidalgo, Francisco Calvo e José Romero, patenteando todos as miseras condições do povo trabalhador em contraste com a opulencia ociosa dos argentarios parasitas que nada produzem e tudo gosam, e demonstrando a necessidade do povo se preocupar directamente da sua sorte, preparando-se, organizando-se fortemente para conseguir a sua emancipação com o estabelecimento de um novo regimen social no qual o bem-estar e a liberdade sejam patromonio comum e não, como hoje, privilegio de uma minoria opressora.

O publico, que era numeroso e em boa parte composto do elemento feminino, aplaudiu com calor os oradores, demonstrando assim a sua simpatia pelas ideias por eles defendidas.

Foi uma bela reunião de propaganda, que merece ser repetida constantemente e em todos os pontos da cidade.

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM S. PAULO

Circulo de Estudos Sociais da Bela Vista — Na reunião dos libertarios da Bela Vista, realizada, conforme anunciámos, na segunda-feira passada, foi escolhido o titulo acima para o grupo, que se reunirá novamente depois de amanhã, segunda-feira, ás 7 horas da noite, na rua Conselheiro Ramalho, 188.

Para assistir a essa reunião são convidados todos os libertarios residentes naquele bairro.

EM PORTO ALEGRE (R. G. SUL)

Centro de Estudos Sociais — Em reunião efectuada na séde da Federação Operaria e na qual tomaram parte numerosas pessoas interessadas na propaganda das ideias de emancipação humana, ficou fundado em Porto Alegre, em 2 de junho, o Centro de Estudos Sociais.

O novo gremio terá por fim, como indica o seu titulo, desenvolver a instrucção e educação das classes operarias, servindo-se para isso de palestras, conferencias, leitura de livros, revistas e jornais, aulas, festas familiares, etc.

Na sessão de fundação foram aprovadas as bases pelas quais será regido o Centro, bases essas que são identicos ás do C. de E. S. do Rio.

Foram eleitos para os cargos de secretario, o companheiro Dario Rostro, e tezoureiro, o companheiro Miguel Gusmão.

O Centro já levou a efeito, na séde da F. O., uma palestra que teve por tema: «Os partidos socialistas e o movimento operario».

Séde provisoria: Rua S. Antonio, 157 — Porto Alegre — R. G. do Sul.



A "Lanterna" em Santa Catarina

Cronica de S. José

UM VIGARIO QUE ABANDONA O SEU ANJO DA GUARDA E DÁ CEBO NAS SUAS SAGRADAS «GAMBIAS»

Ninguem aqui ignora o grau de fanatismo religioso por que é dominado o povo de S. Pedro d'Alcantara, nesta comarca, onde actos vergonhosos e deprimentes são ali postos em pratica *Ad majorem Dei gloriam* e bem-estar do santo homem que tem a *ventura* de dirigir os destinos espirituais daquela pobre gente moralmente enfraquecida pela cegueira da fé.

E' ali o padre a suprema autoridade civil e religiosa; para ele se convergem todos os olhares de verdadeiro respeito e cega obediencia ao mais estravagante dos seus caprichos.

Vive aquele povo num verdadeiro circulo de ferro; sem liberdade de proferir uma palavra, de fazer simplesmente o mais pequeno gesto, a não ser pelos religiosos moldes estabelecidos na cartilha do vigario Roberto.

Tem ele sob o mesmo divino tecto sua criadita ainda no vigor da idade, que não o deixa passeiar nem mesmo conversar longamente com pessoas estranhas.

E as auxiliares semanais?

⁂

Vejamos agora o acto arbitrario e repelente que no mez p. passado foi ali praticado.

Como disse, na séde daquela freguesia não se canta, não se dança nem se atira foguetes sem a devida autorização do *Santo Sultão*, que põe e dispõe daquela gente como simples objecto de sua inteira propriedade.

Pois bem; em dias do mez p. passado, por instigações do demonio ou de qualquer outro espirito zombeteiro e mau, alguns pretos moradores naquela localidade tomaram a liberdade de fazerem um baile sem o devido consentimento do seu *Abdul-Hamid* de batina.

Quando, porêm, estavam entregues ao prazer da dança e conseguintemente esquecidos das passadas infelicidades da sua raça, que a santa igreja catolica repele, eis que lhes bate a porta o bom do vigario Roberto Others, perguntando-lhes com que licença dançavam e atiravam foguetes!

Então, no momento em que um dos dançantes dava satisfatoria desculpa ao auditorio e quixotesco vigario, surgiu lá do interior do salão um destemido pretinho que bradou ameaçadoramente: «Espera, patife, quero saber o que vieste aqui fazer!»

Ora, foi isto o bastante para que o santo homenzinho abandonasse o seu anjo da guarda e sem mais delengas desse cebo nas suas sagradas «gambias» em demanda do divino aposento. No dia seguinte, como devem os leitores calcular, foi esse facto recebido pelos fanaticos da localidade como um verdadeiro sacrilegio.

Reuniu-se então toda a corte para tomar uma deliberação adequada á gravidade do crime. Então, pelo mais graduado dos fanaticos foi lembrado o alvitre de serem expulsos todos os homens de cor residentes na séde da freguesia, o que foi por todos aprovado e mandado executar por uma comissão, que desde logo notificou aos proprietarios que tinham pretos a seus serviços a despedi-los sem demora. Mas José Matias, que é homem possuidor de um pouco de juizo, repeliu energicamente tamanha infamia, declarando ser ele em sua casa o unico mandante, e que o homem que se achava a seu serviço não o despediria por tão estupido motivo.

Esse protesto do sr. José Matias, veiu abrir outra chaga no coração do vigario que, para não cair do santo conceito em que é tido, lavrou nova sentença contra José Matias, determinando que todos os fieis não entrassem na casa de negocio daquele cidadão, ao contrario seriam tambem condenados á perda da absolvição no santo tribunal do confessionario!!

E para prova de solidariedade, nessa nova assembleia todos ergueram o fura-bolos ao ar.

E' o cumulo da estupidez!

S. José, Santa Catarina.

C. de Lippe.







BILHETES E RECADOS

Campinas — D. G.: Registámos o novo assinante. Gratos. Verificaremos sempre o pacote. Saudações.

Votorantim — C. M.: Convem corresponder-se directamente com os companheiros da *Voz*. Saudações de todos.

Rio Grande — Euclides Santos: Infelizmente, não dispomos de nenhuma peça. O Grupo Dramatico Cultura Social, do Rio, talvez possa fornecer a informação desejada. Endereço: Caixa Postal, 1427. Fazemos votos para que a S. U. O. se desenvolva e preste todo o seu esforço á causa da emancipação proletaria. Saudações aos companheiros.

Florianopolis — J. L. de Medeiros: «Biblia Vermelha» é o titulo de uma secção da *Lanterna* e o trecho citado foi traduzido do italiano. Na lista da nossa biblioteca encontrará, porêm, folhetos e livros interessantes. Saudações.

Rio — A. B.: Publicamo-lo, como terá visto, com pequenas modificações. O artigo será publicado. Saudações.

Belo Horizonte — Urucá: Vamos satisfazer o seu pedido de folhetos. Faremos no artigo a modificação que recomenda. Saudações.

Uberabinha — B. Pinto: Ainda não apareceram os primeiros fasciculos da obra sobre a Inquisição, que vai ser editada no Rio. Sobre ela deve comunicar-se directamente com o companheiro indicado no anuncio. Remeter-lhe-emos o folheto mencionado e outro sobre a Inquisição. Saudações.

Carioba — E. F.: Vamos expedir-lhe o *Papa Negro*. Saudações.

Rio — Adrecal: Recebemos o vale. Mandar-te-emos os folhetos. Saudações.

Vila Americana — E. A. A.: Recebemos os 5$. Aguardamos a chegada de nova remessa de um dos livros. Logo que chegue, faremos imediata remessa do seu pedido. Saudações.

Santos — M. C.: Conforme avisei no mesmo dia o E., a peça que procuras não é encontrada aqui. Saude!

Xiririca — J. M. de F. G.: Remeter-lhe-emos o livro logo que recebamos dele uma nova remessa, já pedida. Saudações.

S. Paulo (Sergipe) — Ganganelli: Temos em mãos a sua carta. Esperamos que nos faça a remessa da forma por si indicada, pois bem precisados estamos. Pela leitura da *Lanterna* já conhecerá as ideias que sustentamos. Mande as correspondencias sobre os factos *sagrados*. Aproveitaremos a sua resposta. Saudações.

Rio — M. Vilar: Publicaremos o artigo com as modificações devidas. Remeteremos o jornal para a biblioteca do E. de D. Saudações.

Cachoeira — J. S. M.: Os postais da coleção pedida estão esgotados. Mandar-lhe-emos de outra, que custa mais cara por ser sortida. Saudações.

Araçariguama — A. B. R.: Interessante o tal facto... Remeter-lhe-emos os pacotes. Aceitamos os selos. Não temos os tipos de borracha. Saudações.

Materia adiada

A' ultima hora somos forçados a deixar para a proxima semana varios artigos, notas e noticias. Dentre eles indicamos os seguintes:

As santidades de um conego;

Vida operaria: Uma nota sobre as expulsões do Pará; noticia sobre uma bela lição dada a um prepotente proprietario de uma fabrica de tecidos do Rio.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Forrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1.º e 2.º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de *A Aurora* para 1913	1$000
Almanaque de *O Livre Pensador*	1$000
Marco A. Pancetti, *Giordano Bruno*	$200
Pedro de Mello, *Sonho dantesco*	$200
Domingos Zapata, *As 67 celebres perguntas*	$200
R. S. Morin, *O espirito da Igreja*	$200
Ex padre Guilherme Dias, *O que é o celibato*	$200
Nathanael Pereira, *A educação religiosa*	$200
Eugène Pelletan, *A Inquisição*	$200
Dr. N. Rouby, *O Sagrado coração de Jesus*	$200
Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato*	1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa*	2$500
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Eliseu Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres*	$200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado*	$300
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere*	$600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro*	2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras*	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico*	$200
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural)	$100
Errico Malatesta, *Entre camponeses*	$200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro*	2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes)	1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, Angelo Longaretti	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana*	$200
Antonio Labriola, *Del Socialismo*	$400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico*	$400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia*	$300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo*	$200
P. Guarino, *Sole a Scacchi*	$400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale*	$300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura*	$400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici*	$200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo*	$200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci*	$200
F. Niccolini, *Il pane gratuito*	$200
Guido Podreca *Il divorzio*	$200
Maximo Gorki, *Interviste*	$600
» » *Il compagno*	$200
» » *L'uomo*	$200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria*	$200
» » *I prodotti della terra*	$200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane*	$200
Paul Lafargue, *Il diritto all'ozio*	$200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool*	$200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista*	$200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia*	$300
» » *Operai, non bevete!*	$100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura*	$200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese*	$300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza*	$100
» » *Consigli e moniti*	$100
E. Vandervelde, *Le città Piovre*	$200
C. Andrea, *Un Sogno*	$100
» » *Il socialismo*	$100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo*	$300
» » *Lo Sciopero*	$100
E. Ciacchi, *Ai contadini*	$100
» » *Le nostre Leghe*	$100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti*	$100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale*	$200
G. Renard, *Agli Studenti*	$100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale*	$300
A. Valente, *Conferenze socialiste*	$300
F. G. Paoloni, *Primo Maggio*	$100
B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale*	$100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi)	$300
» » *Per la riduzione delle spese militari*	$300
Resoconto del *1.º Congresso dei lavoratori della terra*	$200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gica	$800
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña	$400

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Chies.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière*	$100
Pedro Kropotkine, *L'Esprit de Révolte*	$200

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitattvos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos osa sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

Coalho liquido Halley

E' o melhor e o mais barato. Um colher de coalho basta para coagular em litros de leite.

Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado acceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 34

Bello Horizonte

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largoo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — ***leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.***

—

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederação Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tambem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do paiz)

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livres do porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	41$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

—

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 2$500.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

A APARECER BREVEMENTE

"NOVOS HORIZONTES"

Revista quinzenal de sociologia, arte, sciencia, literatura e critica

PAGINAS ICONOCLASTAS DE LIVRE EXAME, DE GUERRA ABERTA E IRREVERENTE AO DOGMA, Á ROTINA, AOS PRECONCEITOS E Á TRADIÇÃO

Colaboração revolucionaria — Caricaturas demolidoras

NUMERO AVULSO 200 RÉIS

Correspondencia a *Nilo Ferreira*, Rua dos Andradas, 87, Rio de Janeiro

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivasimportancias.

Lotes de terrenos EM SANTOS

Vende-se magnificos lotes de terrenos, com 5 metros de frente, por 25 de fundos, na rua Dr. Manuel Carvalhal e na Avenida da Abolição—com bonde de 100 réis porta. Preço 750$000 o lote. Verdadeira pechincha!

Trata-se, em Santos, com o sr. Luiz Ratto, na rua do Rosario, 311.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 franco
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 60

— S. Paulo —

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto paiz; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Rua Santa Rosa, n. 2 — S. Paulo.

FOLHETIM DA LANTERNA (27)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para "A Lanterna"

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XIII

As aventuras de frei Paco

— Perdão, meu padre, objectou ele, o vosso predecessor nunca me dava conselhos. Se eu por desgraça os seguisse, que havia de ser dos negocios? A cada um pertence exercer com consciencia o seu oficio: nós roubamos, vós perdoais. Não precisam todos de ir vivendo?

— Tendes razão, disse Paco, conciliador. Ide em paz!

Crotella saudou e retirou-se dignamente, como um homem que acaba de ser reabilitado pela graça celeste.

Passaram-se mais alguns dias. De repente chegou aos ouvidos do frade que Santafierno, tendo escapado aos salteadores, retomara posse do seu castelo.

O primeiro impulso de Paco foi regozijar-se, ao vir-lhe á ideia que poderia reaver a sua bem-aventurada sinecura de comensal. Depois foi esta alegria temperada por uma reflexão. De perto ou de longe, não exercia Olivar uma temivel influencia sobre o cavaleiro? Seria prudente para o franciscano deixar a sua solidão, onde se aborrecia, mas onde em todo caso ia vivendo, para se ver de novo exposto á hostilidade do dominicano?

Perplexo, acabou por dizer consigo que o mais seguro era informar-se antes de decidir fosse o que fosse, e uma bela manhã pôs-se a caminho para o castelo. Ia com a intenção de indagar habilmente dos habitantes da região, mas não teve esse trabalho. Não tinha ainda andado três leguas, quando de repente, numa curva do atalho, reconheceu, num cavaleiro que cavalgava a trote miudo solitario e pensativo, Santafierno em pessoa!

O assombro foi igual de parte a parte. Ao passo que o franciscano ficava parado, boquiaberto, o cavaleiro, que, havia semanas, só ás ocultas praguejava; desforrava-se com usura:

— Cornos do diabo e tripas do papa! bradou o filho de Torquemada; pois és tu, barril de burel?

— Sou eu, respondeu Paco, comovido e feliz por tornar a encontrar Santafierno tal qual o conhecia.

— Ah! odre de vinho, eu supunha-te já em casa do diabo, teu patrono!

Tendo-se, porêm, aliviado com estas efusões, Santafierno fez-se grave.

— Não deves pensar em voltar para o castelo, disse ele peremptoriamente a Paco. A tua companhia incitou-me ao pecado, e eu tenho que tratar da minha salvação.

Paco fitou-o com um olhar espantado, cheio de mudas censuras. Era lá possivel que fosse Santafierno quem assim lhe falava?

— Mas conta-me lá isso: que foi que te sucedeu? prosseguiu o cavaleiro.

Maquinalmente, o monge narrou a sua odisseia. Levado por uma ponta de orgulho profano, não ocultou que se fizera santo, venerado pelos proprios salteadores.

Santafierno soltou uma gargalhada sardonica.

— Tens relações preciosas, disse ele. Sabes que eu poderia mandar-te á forca, denunciando-te á Santa Hermandad?

Paco fez um trejeito de terror.

— Sossega; dessa me livrarei eu, pois as tuas amizades poderão servir-me.

Ao dizer isto, Santafierno esfregava as mãos, brilhando-lhe nos olhos um fulgor estranho. Pensava em Maria Pacheco, naquela tormosa donzela que ele a si proprio jurara possuir pela astucia ou pela força, e agora mostrava-se-lhe o triunfo como possivel. Acabava de se fazer no seu espirito uma subita associação de ideias entre a filha do marquez de Mondejar e os bandidos confessados de frei Paco.

Quando, uma hora depois, se separaram os dois homens, tinha cada um a fisionomia iluminada por um clarão de vitoria. Santafierno via pelo pensamento a donzela debater-se sob os seus beijos furiosos, e Paco apertava na mão fechada três ducados em oiro!

CAPITULO XIV

Toledo

Toledo era ainda, no começo do seculo XVI, uma das principais cidades da Espanha pela cifra da sua população, pela sua industria e mesmo pelo seu movimento intelectual.

Havia, porêm, uns trinta anos que principiara a sua decadencia. O estabelecimento da Inquisição fôra para ela um golpe terrivel: só num auto de fé, celebrado por ordem de Torquemada a 10 de março de 1487, tinham sido queimados mil e duzentos dos seus habitantes! A expulsão dos judeus e a dos arabes completavam a ruina da grande cidade.

Esta, entretanto, ainda resistia, em virtude da fôrça adquirida. Chegara a contar duzentos mil habitantes; milhares de mouros tinham trabalhado em suas fabricas de armas e de sedas; a sua influencia irradiava pelo planalto das Castelas; o zêlo com o qual os inquisidores nela buscavam os herejes atestava o desenvolvimento das ideias.

Os mesteirais, os filosofos e mesmo os feiticeiros, termo vago e temivel que abrangia tanto os charlatães como os sabios, tinham em Toledo a sua grande colmeia e ainda alguma coisa mais: uma especie de cidade santa.

As corporações de artifices, com os seus chefes eleitos, formavam ali, como nas outras grandes cidades, uma organização poderosa. Não fruindo embora as mesmas honras que a velha nobreza hereditaria, nem por isso deixavam de ter os seus direitos reconhecidos — liberdades e privilegios — respeitados pelos corregedores e outros oficiais da coroa.

Para nomear a junta municipal, concorriam clerigos, nobres e burgueses. A vida da comuna, "comunidad", era o mais desenvolvida possivel, tanto quanto o permitira o regime feudal, existente na Espanha como no resto da Europa. Os burgueses não se consideravam como fundamentalmente inferiores aos nobres. Quanto a estes, fossem quais fossem as suas pretenções e o seu orgulho de casta, sentiam instintivamente que a monarquia unitaria ia ser para eles uma ama pesada e que, para lhe resistir, haviam de ter talvez necessidade do apoio dos obscuros plebeus.

Entre os fidalgos toledanos, não havia quem tanto atraisse as simpatias como João de Padilla. Talvez porque não as procurava.

Empoleirado sobre a sua alta colina de granito vermelho e cercado de três lados pelo Tejo, surgia Toledo imponente e grande com o seu inextricavel labirinto de ruas estreitas e tortuosas, as suas casas sombrias e massiças, apenas furadas por aberturas mais semelhantes a seteiras do que a janelas, os seus telhados ponteagudos em vez dos terraços das outras cidades espanholas. Sobre o azul profundo destacavam-se, atrevidas, as flechas da sua esplendida catedral construida no mais puro estilo ogival pelos arquitectos normandos do seculo XIII. Mais além, era o mosteiro de San Juan de los Reyes, contrastando pela sua sumptuosidade, como a catedral, com a miseria das casas circunvizinhas. Depois o paço arquiepiscopal, a "Casa del Ayuntamiento" ou Casa Comunal e enfim o Alcaçar de Afonso VIII, fortaleza que dominava os velhos baluartes, coevos dos visigodos e dos reis mouros.

Toledo era a cidade fascinante e terrivel, com os seus suberbos edificios religiosos e os seus covis inverosimeis em ruas estranguladas, sombrias e cheias de traição, a cidade da qual o poeta disse (1):

Os amores em Toledo são muito bons
Se são de dia, mas não de noite,
Porque ha encostas espantosas e tijolos,
Homens endiabrados, vespas, cães, pulgas,
Telhas, capoeiras e aguazis.

Não longe do *ayuntamiento* ou paços do concelho, erguia-se naquela epoca um palacio hoje desaparecido.

(1) Lope de Vega: *Noche Toledana.*